

In Memoriam: Gilbert Durand (1921-2012)

“O humanismo autêntico é aquele que sabe levar em conta a fraqueza e tudo aquilo que constitui um erro aos olhos da ciência. É preciso um pouco de tudo para fazer um homem”

Gilbert Durand



Palavras em Andamento

1º Andamento: sob o signo da neve

O *Maître* morreu em dezembro numa sexta-feira, pelas 10h00 da manhã, no hospital de Rumilly (Alta Sabóia – França), cidade vestida de branco. Gilbert Durand, e que alguns de nós conhecemos nas mais variadas circunstâncias. Partilhou connosco o seu imenso saber interdisciplinar, desde a antropologia cultural à sociologia de

profundidades, passando pela hermenêutica instaurativa, pela mitologia, entre outros domínios científicos. Gilbert Durand era um amante da vida campestre, à semelhança do seu Mestre Gaston Bachelard, e também, como não podia deixar de ser, da neve e dos sabores que a mesma destila. Como bom montanhês que era, a neve, como um mar onde deleitadamente ele gostava de banhar-se, assumiu no seu imaginário um silêncio branco e uma luminosidade esbranquiçada: “O silêncio da neve é, de tal modo, primordial que remete, imediatamente, a imaginação para ‘o aterrador silêncio das solidões infinitas’ e para o cortejo interstelar das imagens cósmicas” (Psicanálise da Neve, 1953).

Gilbert Durand repousa nas alturas de Moye em frente às suas queridas montanhas decoradas de neve que ele tanto amava! Até sempre Querido *Maître* e que a música do seu Wagner na qualidade de Hermes (na sua qualidade de *Seelenführer*), que o Professor tanto amava, o acompanhe pela Eternidade dos tempos...

2º andamento: sob o signo da Obra

Antropólogo e sociólogo francês (nasceu em Chambéry, Savoie (França), no dia 1 de maio de 1921 e morreu em Moye - Alta Saboia no dia 7 de dezembro de 2012). Agregado em Filosofia e Doutor em Letras (*Docteur ès lettres*), Gilbert Durand foi Professor titular universitário (Sociologia e Antropologia Cultural) da Universidade de Grenoble II, hoje Universidade Pierre Mendès France (França) desde 1970, tendo terminado a sua carreira como Professor emérito. Desde 1964 até ao ano 1988 foi membro do *Círculo de Eranos* (Ascona-Suíça), fundado em 1933 por Olga Froben-Kapteyn para estudar, com o apoio de C. G. Jung e Rudolf Otto, os aspetos herméticos e simbólico-culturais da obra junguiana. Fundou em Grenoble (1966), com Léon Cellier e Paul Deschamps, o *Centre de Recherche sur l'Imaginaire* (C. R. I.) que continua até aos dias de hoje sediado na Universidade Stendhal (Grenoble – França) sob a direção de Philippe Walter

Pensador original e denso, Gilbert Durand começou por ser discípulo de Gaston Bachelard, Mircea Eliade e, indiretamente, de Jung, abrindo-se, mais tarde, ao pensamento de Henry Corbin, Georges Dumézil, Claude Lévi-Strauss, Adolf Portmann, Stéphane Lupasco e também àquilo que designou pelo «novo espírito científico depois de Bachelard», que inclui nomes tão diversos como os de René Thom, Bernard d’Espagnat, Fritjof Capra, Gerald Holton ou Rupert Sheldrake.

De destacar que Gilbert Durand recebeu, em 2000, a condecoração de “Justo entre as nações” atribuída por Yad Vashen. A medalha foi-lhe entregue numa cerimónia

pública em 2001 na cidade de Chambéry (França) no dia 14 de março de 2007. Também possuía a condecoração de Comendador da Legião de Honra (*Commandeur de la Légion d'honneur*) pela sua ação na Resistência francesa desde o fim do ano de 1940 no Maciço do Vercors.

O ponto de partida da sua obra são as estruturas antropológicas do imaginário, que se apresentam como uma classificação sistemática das «imagens arquetípicas» (imagens primordiais) tipificadas pelas estruturas figurativas, entendidas como «generalizações dinâmicas e afetivas da imagem» (estruturas heroicas, «místicas» e dramáticas) que dão conta, dado o seu enraizamento no trajeto antropológico (definido como a «incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social»), do imaginário, que não é outra coisa que este trajeto onde a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, as representações subjetivas se explicam «pelas acomodações anteriores do sujeito» ao meio objetivo.

Muito ligada a esta conceção de imaginário encontra-se a conceção simbólica da imaginação, enquanto atividade dialética do espírito, que tem como funções não só negar eticamente o negativo (p. ex., a morte, a injustiça), como também fazer o equilíbrio entre termos contraditórios com vista a melhorar a condição sempre precária do homem (fator de equilíbrio psicossocial). Por isso, a imaginação simbólica está em posição privilegiada não só para ver (poder «visionário») para além das contradições e polos opostos (por ex., os regimes noturno e diurno), mas também para os superar numa *coincidentia oppositorum* através de uma lógica não-bivalente e do terceiro incluído.

Este seu posicionamento levá-lo-ia a pôr em questão tanto o «estruturalismo formalista» de Greimas e Jakobson, como o «estruturalismo antropológico» de Levi-Strauss, contrapondo-lhes aquilo a que chamou de estruturalismo figurativo, que se apoia na tese da primazia do sentido simbólico (semantismo das imagens) ou figurado sobre o sentido próprio ou literal. Por outras palavras, Durand opõe à «estrutura formal» uma estrutura pensada em termos de conteúdos dinâmicos, por isso dialética e transformacional, continuamente aberta ao semantismo simbólico-arquetípico ligado ao trajeto antropológico. Isto levou-o a fundar um novo espírito antropológico baseado na tradição hermético-gnóstica e que se opõe à filosofia, agnóstica e iconoclasta de uma certa tradição ocidental.

Nesta perspetiva, procurou recuperar o pensamento da tradição que, ao recusar a divisão entre as ontologias psicologista e culturista, propõe, como alternativa, uma

«ontologia simbólica» que inclui já as outras duas. Este pensamento, baseado no regime noturno da imagem, no conhecimento simbólico e no princípio do terceiro incluído, é o do mito, sistema dinâmico de símbolos e arquétipos que tende a constituir-se em discurso, em narração, apresentando-se mesmo como um esboço de racionalização, enquanto discurso que é, e onde os seus símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. Com essa intenção, assim como na expectativa de modernizar a tradição, criou a sua própria hermenêutica, que denominou de *mitodológica*. Esta assenta no pressuposto geral de que não existe corte entre o texto (ideologias, pedagogias, literaturas) e o contexto que o produz (civilização sociológica). A mitodologia é constituída por dois ramos metodológicos, que são a *mitocrítica*, próxima da «psicocrítica» de Charles Mauron, que centra o processo compreensivo sobre o significado mítico-arquetípico inerente à significação de toda a narração literária, política, pedagógica ou de outro tipo, è a *mitanálise*, que é um método psicossociológico vocacionado para extrair os mitos diretores sempre presentes nos «magmas» sociohistóricos-culturais. A mitanálise converte-se no método da sociologia das profundezas (com as suas três tópicas: ego, superego e inconsciente sociais), permitindo esta ordenar e apreciar os referentes (arquétipos sociais) e as intenções míticas que circulam no interior de uma determinada sociedade, ou, se se preferir, nas suas profundezas.

Os seus últimos trabalhos têm sido dedicados à problemática da arte, visto o autor encarar o domínio artístico como «viveiro» fértil de «imagens obsessivas», de «ilustrações culturais» e, por fim, de mitos vivos sempre abertos à universalidade arquetipal.

3º andamento: sob o signo da Ponte e do Poço

Se procurarmos dois símbolos que nos ajudem a compreender mais profundamente a Obra do Maître surgem, entre outros, dois símbolos plasmadores da riqueza hermenêutica que a sua Obra em si contém, a saber o da “ponte” e o do “poço”:

A “ponte” estabelece a união entre duas margens diferentes que possam, ou não, envolver o elemento água. Ela une aquilo que está separado e ou longínquo e é símbolo de comunicação e de união: simboliza também a viagem ou a travessia, religa aquilo que é oposto. Trata-se, como é conhecido, de um símbolo de transição e de transformação, entre outros significados possíveis. Neste contexto, Gilbert Durand,

atendendo ao seu contributo interdisciplinar podia bem ser designado de *illustrissimi pontifex*, construtor de pontes, quer mitológicas, quer simbólicas;

Já o símbolo do “poço” como tendo um fundo sem fundo (o *Urgrund*) enquanto símbolo feminino, vaginal e profundo da “potencialidade útil”, revela segredo, mistério, obscuridade, promessa de esperança da água sempre tão preciosa a todas as formas de vida (ar, terra e água). Exerce tanto o fascínio como o terror ou o medo e o receio. É algo de tremendo que igualmente suscita a nossa curiosidade e síntese dos Três Mundos (céu-terra-inferno). Contém uma água fria, senão mesmo gélida, que para ser extraída exige engenho, perseverança, disciplina, enfim trabalho e humildade. A “água do poço” não será ela também um bálsamo que nos refrescará e nos protegerá da fúria iconoclasta dos tempos solitários e tecnologicamente devoradores? Não será essa mesma “água do poço” que nos protegerá, para lembrarmos Slavoj Žižek, da ira dos quatro cavaleiros do apocalipse pós-moderno (a crise ecológica mundial; os desequilíbrios do sistema económico mundial; a revolução biogenética e, por fim, das diversidades sociais explosivas)? Não precisaremos nós da “água do poço” para saciar a nossa sede de sentido(s) mítico-simbólicos e não significará ela, em última instância, uma “ontologia simbólica”, uma espécie de “Único Sabor”, para lembrarmos aqui o poeta António Ramos Rosa que Gilbert Durand gostava de citar quando falava do mito, traduzido no seguinte verso “O sabor antes da consciência, antes de tudo/ outra vez esse sabor submerso, esse sabor do fundo/esse sabor bem longe, esse sabor total”.

Alberto Filipe Araújo
Cátia Andreia Assunção
Fernando Fraga Azevedo
Iduína Mont’Alverne Chaves
Jean-Martin Rabot
José Augusto Ribeiro
Lígia Rocha
Maria Cristina Álvares
Maria de Fátima Lambert Alves de Sá
Moisés Silva Fernandes